A fragmentariedade dos tempos modernos e a experiência de Deus na Sabedoria

INTRODUÇÃO

"Não procurem a morte, desviando a própria vida de vocês, nem provoquem a ruína com as obras que vocês praticam, pois Deus não fez a morte, nem se alegra com a perdição dos seres vivos. Ele criou tudo para a existência e as criaturas do mundo são sadias: nelas não há veneno de morte, nem o mundo dos mortos reina sobre a terra, porque a justiça é imortal".

(Sb 1,12-15)

Quem diria! Pois é, este texto está na Bíblia. E exatamente no livro da Sabedoria. Por que e para que este povo que viveu aproximadamente meio século antes de Cristo escreveu estas coisas? É uma pergunta muito atual, muito nossa diante do mundo Pós-Moderno que vive a fragmentariedade de um progresso desenfreado e assustador. Um progresso que cria bem-estar social para uns poucos, pânico e medo para muitos. A morte é uma realidade, mas ela não vem de Deus. "Ele criou tudo para existir. Não há veneno de morte nas criaturas e nem o mundo dos mortos reina sobre a terra porque a justiça é imortal". Então quem coloca nas criaturas, na terra, no cosmo o veneno de morte?

É verdade! Hoje, estamos diante de um novo modelo de desenvolvimento, criando um novo modelo de relações sociais, de expressões culturais e religiosas. É a lógica desta nova expressão de desenvolvimento que dá primazia ao capital e aos meios novos de produção sobre a pessoa humana trabalhadora. Dá primazia ao humanístico, quando dá, sobre o ético e sobre o espiritual. É verdade também que este ritmo das coisas obriga-nos a desinstalar-nos; criar uma consciência crítica diante de tudo o que diariamente nos é oferecido; desenvolver o discernimento e o bom senso para não submergir nesta "terceira onda".

* A sabedoria bíblica, particularmente a que está expressa no livro da Sabedoria, teria algo a nos dizer?

* Não poderia servir de *espelho* para a gente se olhar e se ver?

* Ou uma *janela* para podermos ver mais longe, onde nos levará esta nova corrente ideológica?

* Ou quem sabe uma *porta* que se abre para novas perspectivas de justiça?

* Como encontrar Deus na fragmentariedade do Pós-Moderno onde tudo se tornou relativo, frágil e descartável? Será Deus descartável?

São perguntas que hoje angustiam a inteligência dos humanos e os fazem se agarrar à primeira tábua de salvação que aparece.

O LIVRO DA SABEDORIA EM SEU TEMPO

Título, autor, data

O livro da Sabedoria recebeu o nome de: "A sabedoria de Salomão". Porém, lhe foi dado este título porque os caps. 7–9 dão a palavra a este rei, que a tradição judaica considerava "o sábio" por excelência. Entretanto, trata-se de um artifício literário para respaldar com uma autoridade unanimemente reconhecida um pensamento novo[1]. O livro da Sabedoria faz parte dos chamados *deuterocanônicos*.

O autor, um judeu de Alexandria do Egito, que preferiu ficar no anonimato, escreveu esta obra na língua grega. Ele não é nem filósofo, nem teólogo, mas um sábio que investiga, reflete e exorta a buscar a sabedoria, que vem de Deus, que se obtém pela oração e pela prática da justiça, fonte de todas as virtudes e de todos os bens. A obra provavelmente ficou pronta por volta dos anos 50 aC, período de acentuado helenismo no mundo de então.

Estrutura e conteúdo

A Bíblia "TEB" divide o livro da Sabedoria em três grandes seções, que são o reflexo de situações e preocupações diferentes:

1. O destino humano segundo Deus: 1–5
2. Elogio à Sabedoria: 6,1–11,3
3. Meditação sobre o êxodo: 11,4–19,22

Este sábio alexandrino debruçou-se sobre a experiência do cotidiano para investigar "aquele espírito inteligente" imanente no mundo e ao mesmo tempo transcendente, enquanto "reflexo da luz eterna" (veja 7,22.26). Portanto, dentro destas três grandes seções encontramos a fragmentariedade do cotidiano da época do autor e a maravilhosa experiência de Deus daqueles que o buscam com sabedoria, na sabedoria que vem de Deus, pois em todos os acontecimentos que o autor refletiu ela se tem revelado como a mestra da história (10,1–11,3).

1. Bíblia TEB ("Tradução Ecumênica da Bíblia"), ed. Loyola, São Paulo, 1994. Introdução ao livro da Sabedoria, p. 1681.

O sábio e a fragmentariedade da história

Peço licença para nos desviarmos das três grandes seções acima descritas e permanecermos na sábia observação e constatação que o autor do livro da Sabedoria faz olhando através da janela da história. A história que é mestra da vida. É interessante notar os diferentes matizes e as várias remificações de todo este texto sapiencial. A riqueza e a liberdade com que trata os diferentes assuntos permite-nos perceber que o autor vai abrindo novas pistas para a reflexão religiosa e conseqüentemente para novas experiências de Deus, talvez ainda não experimentadas dentro da rigidez da doutrina.

Alexandria do Egito, ambiente onde se contextualiza o livro da Sabedoria, era então um importante centro cultural helenístico, embora sob o domínio do Império Romano. Nesta cidade viviam cerca de duzentos mil judeus. A cultura grega com "seu jeito de viver" – suas filosofias, política, costumes, esportes e cultos religiosos – representava uma época de grande evolução na história dos povos. Um progresso que se fazia cada dia mais visível e palpável a todos os que por um motivo ou outro entravam em contato com a civilização grega. Os judeus sofreram a dominação helenística e por causa dela foram dispersos nas muitas cidades de toda a Ásia até o Egito. Em Alexandria, a comunidade judaica, ao que parece nas entrelinhas dos textos do livro da Sabedoria, não escapou ao fascínio deste brilhante progresso. O autor conhece e aproveita as novas descobertas, mas também reflete sobre a fragmentariedade da história do seu povo: escravidão no Egito, luta pela posse da terra, organização do povo sofrido, ganância e poder dentro e fora de sua casa, exílio, esperança, reconstrução e outra vez opressões, dominações e imposições. Por isso insiste em recomendar sobretudo aos jovens e governantes que tomem por companheira a Sabedoria porque somente ela poderá dar um *espírito novo* a todas as coisas (caps. 7–8).

Como sábio que é, percebe que há sim um fio condutor. Há um elo muito forte que mantém unida a corrente. Há um prego onde tudo está pendurado. Contudo, há no autor uma preocupação constante.

* Como ficar de pé e conservar a própria identidade em meio à fragmentariedade do cotidiano?

* Como ser fiel a Deus e contemplar sua face em meio a uma cultura tão diferente e tão estranha à sua?

Alexandria representava para os judeus uma constante ameaça à fé, à vida e identidade judaicas. Ao mesmo tempo representava para eles também um enorme desafio à inculturação[2]. Veja, por exemplo, em 7,15-22: o progresso, as novas descobertas científicas só têm valor se elas se encaixam na sabedoria que vem de Deus. Os gregos explicavam os fenômenos naturais pela teoria dos quatro elementos: ar, água, fogo e terra[3]. Mas quando o ser humano entra em colisão com as grandes catástrofes da vida, só existe um que pode intervir, Deus. O universo por si mesmo é totalmente incapaz de dar a mínima contribuição para restabelecer a harmonia, porque não é aí o lugar onde se dá a batalha entre Deus e o mal intramundano. O universo permanece plenamente intato[4]. É na mente humana,

2. Embora a palavra seja moderna, o desafio era atual.

3. Bíblia TEB, nota **v**, p. 1693.

4. VON RAD, Gerhard. *Sabiduría en Israel.* Ed. Cristiandad, Madrid, 1985, 377.

no coração humano que se invertem os valores. Portanto, é possível aceitar o novo sem perder a identidade, mas somente através da janela da fé e da justiça, acompanhadas pelo discernimento. Esta é a sabedoria que vem de Deus. Porque "ela é mais móvel do que qualquer movimento; emanação puríssima do poder de Deus; espelho nítido da atividade divina; imagem de sua bondade; reflexo da luz eterna; única; *renova o universo*; passa nas almas santas para formar os amigos de Deus e os profetas" (cf. 7,26-30). Buscar a Sabedoria é participar do plano original de Deus, pois ela estava junto dele na obra da Criação (Sb 9,9). Ela tem o poder de renovar a vida, sobretudo a dos seres humanos. No prolongamento desta reflexão a experiência de Deus é descrita como algo fascinante. Experimentar a Sabedoria é experimentar Deus. Ela é a expressão feminina do Criador e Senhor do universo (8,2-3). Esta experiência confere a imortalidade (8,17); ao contrário, a experiência de quem serve ídolos sofrerá a destruição (11,15-17). Não resta dúvida que os novos modelos de desenvolvimento podem prejudicar o plano de Deus. Contudo, no plano da sabedoria Deus dá sempre uma nova chance de conversão para que triunfe seu projeto de justiça, bondade e misericórdia (12,19-27).

IMPULSOS PARA HOJE

Crise de fé ou volta ao sagrado?

A capacidade intelectual humana fez com que se sonhasse com um futuro que fosse a superação contínua do presente. O iluminismo levou o homem a pensar – observa Habermas – que esta superação "não somente promoverá o controle das forças naturais, mas também a compreensão do mundo e do eu, o progresso moral, a justiça das instituições e até a felicidade dos seres"[5]. No entanto uma crise de fé se instalou profundamente no coração de mulheres e homens que sonhavam com a utopia do futuro. Passou-se a acreditar menos em tudo e em todos. Tantas esperanças ficaram frustradas no campo da política, do econômico, do social e do religioso. Esperava-se entrar no terceiro milênio com o pé direito, isto é, com menos ódio, menos guerras, menos pobreza, menos fome. E o que se vê é exatamente o contrário. A Pós-Modernidade pôs em xeque uma porção de valores, tais como a ética, a solidariedade, a hospitalidade, o sentido de pertença à história, e fez surgir o imediatismo e a fragmentariedade. O homem moderno se encheu de quinquilharias barulhentas e caiu no vazio mais profundo de sua interioridade. No dizer de Vattimo, a Pós-Modernidade "é um pensamento fraco", não orientado para a origem ou o fundamento; Deus deveria desaparecer do horizonte como uma hipótese inútil. Contudo a Modernidade e a Pós-Modernidade não destruíram a religião, mas abriram uma porta para que muitos desertassem das grandes religiões institucionalizadas e ofereceram passagem à enorme proliferação de filosofias de vida, movimentos religiosos e para-religiosos de todos os tipos e para todos os gostos. "Entretanto esses homens merecem repreensão menor: talvez se extraviem apenas na maneira de procurar a Deus e de querer encontrá-lo" (cf. 13,6). Quando o autor do livro da Sabedoria critica estas atitudes em sua época, não visa ao culto prestado pelos diversos povos a essa ou aquela força natural mas às crenças filosóficas e

5. GASTALDI, I. *Educar e Evangelizar na Pós-Modernidade.* Salesiana Dom Bosco, São Paulo, 1994, 16.

científicas que divinizam os elementos da natureza. A divinização dos astros tinha sido uma constante no pensamento grego. O estoicismo é especialmente criticado pela sabedoria do sábio. Hoje de maneira mais sutil coexistem uma secularização avançada com um novo ressurgir do religioso, desde suas formas mais místéricas até as manifestações mais rígidas, conservadoras, fanáticas. Assim entre a "náusea" de Sartre e a "angústia" de Heidegger encontramos o vazio humano buscando desesperadamente alguém que o compreenda e o preencha. "O frio programador de computador torna-se um místico nas suas horas vagas"[6].

Diante destas novas forças que emergem da fragmentariedade do Moderno e Pós-Moderno, Leonardo Boff suscita um duplo questionamento ao cristianismo histórico. Em primeiro lugar, pergunta ele, em que medida a civilização emergente obriga o cristianismo a fazer uma autocrítica e assim resgatar sua experiência originária? Em segundo lugar, em que medida o cristianismo autocriticado e revitalizado a partir de sua fonte ajuda a civilização planetária a expressar-se religiosamente e a venerar o Sagrado que nela se realiza?[7]

"Educar e Evangelizar na Pós-Modernidade"

Pode ser útil trazer aqui, para ampliar a reflexão, uma síntese do pensamento de um grande educador salesiano Ítalo Gastaldi. Em seu livro: "Educar e Evangelizar na Pós-Modernidade", faz uma síntese da história, mostrando as características principais da modernidade, como pano de fundo para se entender a Pós-Modernidade. Ítalo parte da revolução *científico-técnica,* onde a realidade filosófica cede lugar à razão científica, razão instrumental, destinada a descobrir as leis da natureza para manipulá-la. Aponta a revolução *industrial*, cujo objetivo é produzir sempre mais, substituindo o homem pela máquina. Analisa a revolução *cultural*, proveniente do iluminismo, definido por Kant como o estado adulto da humanidade. No campo político veio a revolução *democrática,* fruto da ânsia de liberdade, da vontade emancipadora, da afirmação dos direitos humanos.

O domínio do mundo foi gestando uma nova utopia: a fé no progresso indefinido. O descobrimento das leis da natureza, o domínio sempre maior do espaço cósmico foram algumas das causas que provocaram o fenômeno da *secularização*, que repercutiu profundamente no campo religioso. Enquanto que, no campo ético, o *individualismo* foi afastando especialmente os jovens das problemáticas sociais. A atitude acomodada do individualismo foi gerando o *espírito burguês.*

Aqui cabe um questionamento. Diante da constatação de Ítalo podemos perguntar:

* Onde fica a pessoa humana dentro dessa evolução toda?

* Qual a tarefa que lhe cabe sobretudo diante dos inúmeros irmãos e irmãs postos à margem do desenvolvimento?

6. GONZALEZ CARVAJAL, I. Educar en un mundo posmoderno. Em: *Selecciones de Teología* 128 (1993) 246. Ver também NAISBIT, *Megatrends 2000.* AMANA-KEY Ed., p. 337/344.

7. BOFF, Leonardo. *Nova Era: a civilização planetária.* Ed. Ática, São Paulo, 1994, 49.

Facetas do fenômeno Pós-Moderno

A Pós-Modernidde é uma etapa da história difícil de situar e definir, dotada de características difíceis de descobrir. Vejamos quais são sus facetas principais segundo Ítalo Gastaldi:

1. A Pós-Modernidade *pôs em crise a fé* no progresso. Na sociedade industrial clássica passavam fome pobres e ricos. Na nova sociedade tossem por contaminação até os mais ricos. Antes todos eram iguais perante a lei e perante Deus; agora todos são iguais perante a camada de ozônio.

2. A Pós-Modernidade *perdeu o fundamento:* há uma enorme desconfiança da razão e desencanto frente aos ideais não realizados pela modernidade. O ser humano atual desconta da razão e se orienta pelo sentimento. Ao renegar a razão o pensamento fica sem fundamento. Terminam as certezas. Os pós-modernos rejeitam a razão ou duvidam dela, mas utilizam-na em suas críticas; negam que a verdade seja possível, mas acreditam na verdade que afirmam.

3. Os pós-modernos não acreditam nas *cosmovisões:* Lyotard rejeita o que ele chama de "grandes relatos" da humanidade; para ele estes são simples narrativas que se impuseram na base do terror, como ensina a história. Nada de cosmovisões; nada de respostas últimas, portadoras de sentido. Existem apenas relatos pequenos e fragmentados.

4. Na Pós-Modernidade dissolveu-se o sentido da história: para os pós-modernos unidade na história não existe; acontecem somente "micro-história", histórias parciais, tantas histórias quantos são os indivíduos. A *mídia*, nos satura de notícias e acontecimentos presentes, não permite que uma notícia dure e nem que o destinatário reflita sobre ela. Estamos "num novo sentir e experimentar a vida, sem memória, sem continuidade, sem futuro".

5. A Pós-Modernidade acaba por *negar o sujeito:* o ser humano tornou-se um nó e uma rede de relações, dotadas de leis próprias. O homem converteu-se num objeto. Os acontecimentos tornaram-se independentes do ser humano. O sujeito tornou-se alguém "essencialmente fragmentado e desencontrado no seu ser íntimo, incapaz de unificar experiências". A *comunicação* desligou-se dos sujeitos emissores e receptores: está em mãos anônimas. A informação vai ao ar como um produto de instituições e entidades impessoais: BBC, CNN, REUTER, TVE, TVG, SBT, etc.

6. Na Pós-Modernidade a *ética* perdeu seu fundamento: não existem critérios morais válidos que valham em si e por si mesmos, que tenham alcance universal. Não existem valores absolutos. Podemos sim pôr-nos de acordo sobre certas coisas, mas trata-se de *consensos sociais fracos,* não de compromissos definitivos, nem universais. Existem escolhas privadas, guiadas pelo desejo, sem coação alguma, sem coerência. Ontem era a ioga e a meditação transcendental, hoje o álcool e as drogas, amanhã a aeróbica, a reencarnação, a New Age, etc. Viver é experimentar sensações, quanto mais fortes, intensas e rápidas melhor. Nada de sentimento de culpa, nada de bem e mal, nada de valores: vale o que me agrada.

7. Na Pós-Modernidade dá-se um novo *estilo de vida:* a corrente de pensamento não se deteve no intelecto, passou a ser um estilo de vida. Viver a existência como uma sucessão justaposta de pequenos instantes de prazer, *viver o vazio,* sem tragédias nem apocalipses. Retirar-se ao santuário da vida privada, resgatar o homem singular, despreocupar-se da vida social e da militância política. Para que comprometer-se se nada é absoluto, nada é definitivo?

8. Na Pós-Modernidade entrou em crise o sentido de *pertença:* a Pós-Modernidade foi gestando um jovem *light*, um personagem superficial, imediatista, cheio de coisas, mas vazio de ideais; um jovem saturado de perguntas, de informações justapostas, mas incapaz de chegar à unidade.

9. Na Pós-Modernidade voltou-se ao *sagrado:* a modernidade e a Pós-Modernidade não destruíram a religião, mas possibilitaram a deserção em massa das grandes religiões institucionalizadas, para dar passagem a uma proliferação de movimentos religiosos e para-religiosos de todo tipo.

10. A Pós-Modernidade na *América Latina.* A América Latina começou lentamente a participar da Pós-Modernidade mas de forma improvisada, fragmentada, dependente. A parte sadia da América Latina viu-se levada a comprometer-se num processo de libertação, para impedir ou rejeitar novas opressões. Mas somos invadidos por essa *terceira onda.* Sem pertencer ao Primeiro Mundo, somos importadores de sua tecnologia.

Traços e valores da Pós-Modernidade

Carregamos aqui as cores dos desafios para a inculturação da fé. Com isto não queremos negar que a Pós-Modernidade traz consigo também um grande feixe de valores tipicamente evangélicos: Desinstalação, destruição de falsos ídolos, espírito de busca humilde, tendência ao transcendente.

* Desconfiança da razão e desencanto frente aos ideais não realizados pela modernidade.

* Desaparecimento de dogmas e princípios fixos: agnosticismo, pluralismo de verdades, subjetivismo.

* Abolição dos grandes relatos. Fragmentação das cosmovisões.

* Dissolução do sentido da história. A realidade também se dissolve em fragmentos.

* Pluralidade ideológica e cultural. Forte dose de ecletismo.

* Distância crescente entre as gerações.

* Crise aguda da ética: individualismo (narcisismo), hedonismo, flexibilidade de costumes, permissividade.

* Ateísmo prático e fragmentação religiosa.

CONCLUSÃO

Sabemos que o fenômeno da Pós-Modernidade não nasceu na América Latina. Ele é fruto do processo de desenvolvimento dos países do assim chamado "Primeiro Mundo". Em muitas áreas da América Latina estamos em pleno processo de industrialização e de modernização. Entretanto não escapamos dos efeitos que já se sentem entre nós, trazidos quer pelos modernos meios de comunicação, quer pela influência do neocolonialismo. Conhecemos na América Latina movimentos de resistência criados para salvaguardar nossas culturas frágeis e sofridas: a Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base, os diversos movimentos populares, e sobretudo o acesso por parte do povo à leitura orante da bíblia; tudo isto criou comprometimento com os mais pobres e excluídos da sociedade. Nestes meios floresce a cada dia uma experiência vital com o Deus da vida. Experiência esta que tem suas raízes na Sabedoria que vem de Deus e por isso muitas vezes somos

levados a repetir com gozo as mesmas palavras de Jesus: "Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado!" (Lc 10,21). E como o autor do livro da Sabedoria consolou e infundiu enorme esperança em seus contemporâneos, queremos também nós haurir, ainda hoje, desta mesma fonte e dizer cheios de confiança:

"Em tudo, Senhor,
engradecestes o vosso povo,
e o cobristes de glória.
Não o desprezastes,
em todo o tempo e lugar
estivestes junto a ele (Sb 19,22).

Com estas palavras finais o autor do livro da Sabedoria conclui sua reflexão sobre a longa e muitas vezes penosa caminhada do seu povo. Fazemos votos que nossos educadores da fé sintam vontade de ler, refletir e buscar inspiração neste texto tão "sábio" da Sabedoria. Pois, por ser o fenômeno da Pós-Modernidade uma etapa da história difícil de situar e definir, dotado de características também difíceis de definir, o educador da fé continua perplexo diante dele e se interroga constantemente:

* Como educar hoje a fé? Como criar valores estáveis, capazes de infundir solidez nos homens e nas mulheres de amanhã?

* Como ajudar o ser humano a encontrar sua *imagem e semelhança* com o Deus da vida?

* Como ajudar a governar o planeta terra com justiça, porque a *justiça é imortal?*

* Em meio a tudo isto, qual é o verdadeiro rosto de Deus que nos cabe transmitir?

Rosana Pulga
Serviço de Animação Bíblica
Rua Januária, 552 – Floresta
31110-060 Belo Horizonte, MG